

# Para Vellinho, inflação só cairá no próximo ano

PORTO ALEGRE  
AGÊNCIA ESTADO

"Um governo com saldo zero de erros, para que o fator confiança substitua o de dúvida; política salarial voltada para a recuperação do poder aquisitivo da população, em especial da que recebe salário mínimo; e retomada da atividade econômica, por meio de uma realidade mais adequada de exportação e importação." Estes são alguns aspectos fundamentais para a queda da inflação, na opinião do empresário gaúcho, diretor-presidente do grupo Springer, Paulo Vellinho, destacados em sua palestra "Brasil, limitações ao seu desenvolvimento", realizada na reunião-almoço de ontem, no Rotary clube de Porto Alegre.

Como não acredita que essas metas sejam adotadas em seguida, Paulo Vellinho prevê que só a partir do próximo ano haverá condições de a inflação começar a baixar, lentamente, com a mudança de governo. "Até o final deste ano, a inflação deve-se manter na média mensal de 10%, mas não tenho condições de prever o índice total que atingirá, explicou o empresário, lembrando que o governo, apesar dos esforços, continua sendo derrotado pela inflação, pois não consegue reduzi-la. Entre os vários fatores responsáveis pelo crescimento da inflação, Paulo Vellinho citou o componente psicológico, apontando que a expectativa de apostar em uma alta é tão grande como de apostar em uma baixa, em termos desta situação.

Ao salientar que a economia brasileira é a única indexada no mundo, Paulo Vellinho informou que esse sistema, junto com a economia recessiva, provoca um produto surpreendente. "Nunca tinha visto valores tão assimétricos, pois os bens representados por valores indexados, crescem em termos de índice, mas não em valores de mercado", disse o empresário, exemplificando que um imóvel avaliado em 3.500 UPC, no BNH, no mercado não passa de 2.800 UPC. "Outro paradoxo da economia brasileira é que sendo alavancada para a exportação gera o superávit, significando que para cada dólar excedente na balança são emitidos novos cruzeiros, tendo influência no crescimento da base monetária, gerando mais inflação", assegurou Vellinho, ressaltando que o Brasil como um todo, deve fazer um plano de trabalho de longo prazo e que não termine em um mandato de governo.

Com relação à dívida externa brasileira, acentuando que não é um problema particular e sim de todo o Terceiro Mundo, Paulo Vellinho defendeu a adoção de uma postura nacional. "O Brasil deve, nesse seu plano de trabalho, visando a recuperação econômica, que compreende os seus problemas externos e internos, buscar o respaldo e a confiança de toda a sociedade nacional e, ao invés de ser atropelado pelo FMI e pelos credores, que vá a eles e imponha o programa", afirmou Vellinho, acentuando que o Brasil é um país pobre, mas que, erroneamente, até há pouco tinha a ilusão de ser rico e, assim, gastou demais.